



Psicologia: Reflexão e Crítica

ISSN: 0102-7972

prcrev@ufrgs.br

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Brasil

Simonassi, Lorismario Ernesto; Tourinho Zagury, Emmanuel; Silva Vasconcelos, André
Comportamento Privado: Acessibilidade e Relação com Comportamento Público
Psicologia: Reflexão e Crítica, vol. 14, núm. 1, 2001, pp. 133-142
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=18814111>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Comportamento Privado: Acessibilidade e Relação com Comportamento Público

Lorismario Ernesto Simonassi^{1 2}

Universidade Católica de Goiás

Emmanuel Zagury Tourinho

Universidade Federal do Pará

André Vasconcelos Silva

Universidade Católica de Goiás

Resumo

O presente estudo analisou empiricamente comportamentos inacessíveis à observação pública. Empregando um procedimento que tornou pública respostas encobertas numa situação de resolução de problemas, verificou-se a efetividade de contingências programadas para tornar públicas respostas verbais precorrentes privadas; 2) a relação entre respostas verbais encobertas e contingências programadas; e, 3) a conseqüente probabilidade do comportamento verbal produzido pela resposta encoberta ser positivamente reforçado. Participaram 64 sujeitos distribuídos em duas condições: Complexa e Simples. Após cada tentativa obteve-se respostas de informações verbais e escritas sobre a resolução do problema. Nos resultados, observou-se que a complexidade da tarefa não interferiu com as respostas privadas e que as contingências sociais produziram a “publicização” de respostas precorrentes privadas. Este procedimento fornece evidências empíricas para algumas proposições estabelecidas por radical behavioristas além de oferecer novas questões para discussão dos eventos privados.

Palavras-chave: Acessibilidade; comportamento privado; comportamento verbal; respostas precorrentes privadas.

Private Behavior: Accessibility and Relation to Public Behavior

Abstract

This study empirically analyzed behaviors inaccessible to public observation. Using a procedure that turned public previously covert responses through the resolution of problems, it was possible to verify the effectiveness of contingencies programmed to turn public previously covert precurrent responses; 2) the relationship between responses and programmed contingencies; and, 3) the subsequent probability of behaviors under control by the covert response to be positively reinforced. Sixty-four human subjects distributed in two conditions: Complex and Simple participated in the study. After each attempt, informative responses and written responses about the resolution of problems were obtained. The results show that task complexity did not interfere with the private responses and that the social contingencies turned public the precurrent responses in the problem resolution. This procedure gives empirical evidence to some propositions established by radical behaviorists and offers new questions about private events.

Keywords: Accessibility; private behavior; verbal behavior; precurrent responses.

apenas ao próprio indivíduo a quem dizem respeito (Skinner, 1945, 1953/1965, 1969, 1974). Nenhuma natureza especial precisa ser suposta; nenhum apelo à metafísica se torna necessário para explicá-los. Como fenômenos comportamentais, estímulos e respostas privados são dotados de natureza física e podem ser interpretados com os mesmos conceitos com os quais se interpretam os fenômenos públicos. A inacessibilidade à observação pública, que confere especificidade aos eventos privados, pode ser momentânea e circunstancial. Indiretamente, aqueles eventos podem tornar-se públicos com o relato do participante, produzido por contingências de que a comunidade verbal dispõe. Skinner aponta quatro estratégias empregadas pela comunidade verbal para promover a “publicização” de eventos privados (Cf. Malerbi & Matos, 1992; Skinner, 1945; Tourinho, 1995). Na primeira, a comunidade reforça respostas autodescritivas de estímulos privados baseando-se em estímulos públicos que estão associados (por exemplo, reforçar a descrição de sensações táteis, observando os estímulos que estão sendo tocados pelo participante); na segunda, a comunidade observa respostas do participante freqüentemente associadas a uma estimulação privada e reforça descrições daquela estimulação (por exemplo, reforçar descrição de dor quando o participante pressiona um ferimento); no terceiro caso, a comunidade também observa o comportamento, reforçando respostas descritivas dos próprios comportamentos ou de sua probabilidade (por exemplo, descrever-se como “faminto”); por último, a comunidade ensina respostas descritivas de propriedades de certas estimulações a partir da observação de ocorrências públicas e o participante generaliza para condições privadas com base em propriedades coincidentes (metáforas como “dor aguda”, “cabeça quente”, etc.).

As estratégias descritas por Skinner (1945, 1969, 1974) ilustram processos através dos quais torna-se possível algum acesso a estímulos e comportamentos privados

1969, 1974), a qualquer momento altera o ambiente e tornar aberto um comportamento até então encoberto. Por exemplo, quando nós relatamos sobre o que aconteceu ontem a noite. Pode-se então dizer que o comportamento encoberto é apenas circunstancialmente aberto, podendo variar quanto a esta condição. Assim, as contingências sociais com as quais o indivíduo interage. Em outras palavras, a acessibilidade ao comportamento encoberto (de modo diferente de antes) através da autodescrição, como ocorre com estímulos privados) varia como função das contingências sociais.

O comportamento momentaneamente aberto pode ser parte de um processo que resulta em uma resposta pública. Isso é o que ocorre na “resolução de problemas” (Cf. Skinner, 1969, 1974). Diz-se que uma situação é problemática para o participante quando uma resposta que poderia ser reforçada (chamada “resposta solução terminal”) não está disponível (para um determinado conjunto de critérios teóricos e empíricos para identificar uma situação problemática, ver Moroz, 1991). Quando uma resposta que altera o ambiente ou o comportamento do participante, tornando disponível a resposta que poderia ser reforçada, chamada de resposta “solucionadora” (ou “preliminar”). Skinner (1968) supõe que a resposta produzida pelas respostas preliminares é a disponibilização da resposta solução. As respostas precorrentes são apenas respostas que são reforçadas, pelas conseqüências produzidas pela solução. Skinner admite que muitas vezes os indivíduos solucionam problemas de modo “inteligente”, de manipular o ambiente, analisando as regras que possam tornar a resposta terminal disponível, o que pode ser feito de forma aberta. Quando esta resolução se dá de modo momentâneo, se um típico exemplo de comportamento encoberto, o participante participa do controle do comportamento

verbais encobertos quando a resolução envolve a análise das contingências por parte do próprio solucionador e, assim, inferir as variáveis que controlam a resposta solução.

Conforme sugerido anteriormente, o indivíduo pode resolver problemas formulando ou não regras. A resolução de um problema pode ser feita seguindo-se regras estabelecidas por um falante ou pela exposição direta às contingências. Nem todos problemas solucionados implicam na formulação de regras (Maier, 1931; Hefferline, Keenan & Harford, 1959). Uma boa revisão de resolução de problemas e relatos sobre os mesmos pode ser encontrado em Nisbett & Wilson (1977). A distinção entre estes dois meios de manipular as variáveis resulta em considerar a participação ou não do autoconhecimento nesse processo, visto que Skinner (1969) sugere que a formulação de regras requer no mínimo que o indivíduo saiba descrever o próprio comportamento e/ou as variáveis que controlam este comportamento. Pesquisas na análise experimental do comportamento têm sido realizadas com o objetivo de verificar quando ou como respostas autodescritivas passam a exercer algum efeito sobre a resolução de problemas. Os resultados indicam que a formulação de regras ocorre sempre após uma história de exposição às contingências e após a resposta solução correta emitida pelo participante estar sob controle efetivo dos estímulos discriminativos presentes na situação (Torgrud & Holborn, 1990; Simonassi, 1997; I de Oliveira, 1998; Sanábio, 2000). Considera-se importante investigar adicionalmente como os relatos verbais solicitados durante o processo de resolução de problemas podem contribuir para o esclarecimento do papel desempenhado pelas autodescrições encobertas na resolução de problemas.

Estudos sobre eventos privados tem sido escassos na literatura da área de análise do comportamento (Cf. Anderson, Hawkins & Scotti, 1997; Tourinho, 1995), a despeito da importância do tema e do esforço

outras palavras, seria possível comparassem o seu comportamento com o seu desempenho p problemas e que estas duas cl privada e resolução pública mantidas pelas conseqüências ou ERRADO)

Método

Participantes

Participaram do estudo universitários de diversos cursos não possuíam história experim participantes se deu por me paredes da faculdade. A única do anúncio era a de que os pa um estudo em Psicologia.

Material

Utilizou-se um microcom 30 Mhz, 4 Mb Ram, 2 drives Mb, vídeo Super VGA colorid e uma tela sensível ao toq colocada na frente do vídeo.

O *software* utilizado contin para estudos de Regras e Cor (Simonassi, Martins, Vasconco Santos, 1997). O programa c sensível ao toque (TPIS/VII em ambiente Windows. A tela entrada para os participantes resolução de 116x16 em mo 14 polegadas. O programa, de Visual Basic e C++, inclu bibliotecas da API Windo Assembler, utilizados para ot O programa tem a possib visualização estímulos de natu

informação e o tempo de reação das respostas. Além disso, também são registrados os totais de erros e acertos.

Foi utilizado também uma impressora, além de um bloco de papel com 40 folhas numeradas, para relato dos participantes, um cartão para instrução geral (cartão instrução), uma caneta e uma caixa branca para depósito dos relatos escritos.

Procedimento

O esquema abaixo, Figura 1, apresenta uma descrição resumida do planejamento experimental utilizado neste estudo.

Cada participante foi conduzido à sala experimental e solicitado a sentar-se diante de um computador, ao lado do qual havia um bloco de papel, uma caneta, uma caixa e um cartão instrução. As únicas informações prestadas constavam na instrução geral disponibilizada tanto na tela do computador quanto no cartão instrução.

Após sentar-se, o participante lia a instrução geral:

“Você terá à sua frente uma tela de computador com três cartas. Sua tarefa será, inicialmente, tocar com a ponta do dedo a carta superior (de cor azul) e, em seguida, uma das cartas abaixo, de cor

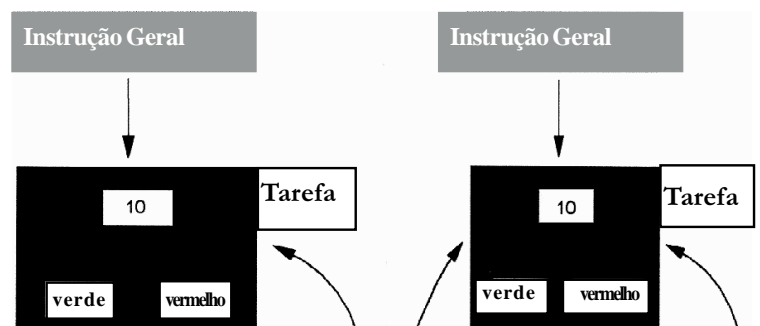
verde ou vermelha. Ao tocar as duas cartas, o computador lhe dirá se a resposta é CERTO ou ERRADO. Tente acertar o máximo de vezes. Quando o estudo terminar você será avisado (a). Caso necessário, poderá consultar a instrução que está na tela para iniciar a tarefa ...”

Caso os participantes fizessem alguma dúvida, o experimentador lia novamente a instrução. Caso não houvesse nenhuma dúvida, o participante respondia a tarefa. Caso houvesse alguma dúvida, o participante podia consultar a instrução geral, poderia pegar o cartão instrução e ler a instrução ao seu lado.

Após ler a instrução geral, o participante via na tela do computador e aparecia a seguinte configuração: na parte superior do monitor havia um estímulo similar a uma carta do baralho (3 cm x 8 cm) de cor azul. Na parte inferior, abaixo, nas laterais, havia duas outras cartas. A carta da esquerda era de cor verde e a da direita era de cor vermelha. No canto superior direito do vídeo havia dois contadores (1 cm x 1 cm) e eram registradas as respostas certas e erradas.

Grupo Relato ao Final
Grupo Contingência Simples e Complexa

Grupo Relato a Cada Sim
Grupo Contingência Simples e Complexa



A tarefa do participante consistia em tocar com o dedo a carta superior. Após o toque surgia sobreposta à carta um estímulo (uma letra ou um número). Na presença deste estímulo o participante deveria tocar uma das cartas abaixo. A resposta em uma das duas cartas produzia o mesmo estímulo da carta superior, um som de bip e a palavra CERTO entre as cartas inferiores, ou apenas a palavra ERRADO. Os acertos e erros eram registrados nos contadores. Após esta resposta, aparecia nova tela com a seguinte frase na parte superior “Se você sabe a solução do exercício das cartas, toque a tela no quadrado SIM, da direita; caso não saiba a solução, toque a tela no quadrado NÃO, da esquerda”. Quatro centímetros abaixo havia dois quadrados (5,5 cm x 6 cm, cada), o da direita de cor amarela e com a palavra SIM e o da esquerda de cor verde, com a palavra NÃO.

Os participantes foram alocados em quatro grupos, que se diferenciavam quanto aos estímulos empregados e ao momento em que se solicitava a descrição das contingências. Com respeito aos estímulos, os grupos eram de contingência simples (grupo Simples) ou grupo de contingência complexa (grupo Complexo). Para os Grupos Simples, os estímulos eram o número “10” e a letra “A”; para o Complexo, os estímulos eram o número “10” ou qualquer letra do alfabeto (inclusive K, W e Y). Quanto ao momento de solicitação de relato, os grupos foram categorizados como grupo de Relato a Cada Sim (solicitação de relato cada vez que o participante informava saber a solução) e grupo de Relato ao Final (na quadragésima tentativa), podendo ser tanto de contingências simples ou complexa. Nos grupos Relato a Cada Sim, o relato (resposta de redigir) era solicitado quando os participantes tocavam o quadrado SIM. Uma nova tela com a seguinte instrução solicitava o relato: “Escreva no papel como você está fazendo para resolver este exercício. Depois coloque-o na caixa ao lado esquerdo e toque na tela para continuar.” Quando os participantes tocavam o quadrado NÃO uma nova

era a mesma dos grupos Simples. No grupo complexo, na presença da carta vermelha produzia

Não havia consequência da resposta de escrever. De acordo com as programadas, a descrição esperada para os grupos Simples Relato a Cada Sim era: “Número 10 na carta vermelha”. No caso dos grupos Complexo Relato ao Final era: “Número 10 na carta vermelha”.

Cada tentativa foi definida como uma observação, a resposta de comando apresentado e a respectiva contingência. As classes de respostas foram registradas em observação; 2) respostas de comando de informação; e, 4) respostas de comando de informação.

Para todos os grupos, o experimento consistia de 40 tentativas. Os participantes não foram remunerados nem pelo tempo obtido, nem pela participação.

Resultados

Os desempenhos dos participantes foram analisados quanto às respostas de informação e de comando. Na resposta de informação, foram analisadas as respostas de comando nas quais os participantes emitem uma descrição. Na análise das respostas de comando, foram consideradas apenas descrições corretas apenas descrições corretas da contingência programada e não ocorreram.

Os dados relativos aos desempenhos dos participantes apresentados na Tabela 1 em função do grupo. No grupo Relato a Cada Sim, a média de tentativas para o primeiro SIM foi de 6,85. (Caso contrário, não responderam SIM durante a primeira tentativa).

Esta diferença significativa foi entre a média do primeiro SIM e a média da tentativa para descrição correta das contingências. O teste estatístico foi aplicado somente com os participantes que emitiram a resposta de redigir.

Dentre os onze participantes comparáveis, aqueles que responderam SIM e que apresentaram resposta de redigir correta (Participantes 1, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11 e 12), apenas para três participantes (3, 9 e 11) o responder SIM predisse consistentemente a resposta de redigir.

No grupo Relato ao Final a média de tentativas para a emissão do primeiro SIM foi de 8,53. (O Participante

significativa quando avaliada através do teste t ($t=0,67; p \geq 0,05$) (cf. Mc Guigan, 1976).] das médias de tentativas nas quais a descrição correta foi emitida, mostrou haver diferença significativa entre os dois grupos ($t=4,0$).

Os dados relativos ao desempenho dos grupos Complexo são apresentados abaixo. No grupo Relato a Cada SIM tentativas para a emissão do primeiro SIM (Os Participantes 44, 45, 48 não responderam a sessão experimental). No mesmo grupo

Tabela 1 . Tentativas com Respostas de Informação e de Redigir dos Grupos Simples

| Grupo Relato a Cada Sim | | | Grupo Relato ao Final | | |
|-------------------------|----------------------|-------------------|-----------------------|----------------------|---|
| Pp | Primeiro SIM emitido | Descrição correta | Pp | Primeiro SIM emitido | D |
| 1 | 4 | 5 | 17 | 3 | |
| 2 | - | 40 | 18 | 4 | |
| 3 | 9 | 9 | 19 | 14 | |
| 4 | 2 | 20 | 20 | 10 | |
| 5 | 2 | 40 | 21 | 9 | |
| 6 | 2 | 17 | 22 | 6 | |
| 7 | 4 | 15 | 23 | 2 | |
| 8 | 3 | 9 | 24 | 1 | |
| 9 | 16 | 16 | 25 | 1 | |
| 10 | 3 | 37 | 26 | 13 | |
| 11 | 22 | 22 | 27 | 36 | |
| 12 | 16 | 23 | 28 | 2 | |
| 13 | - | - | 29 | 7 | |
| 14 | 3 | - | 30 | 5 | |
| 15 | 3 | - | 31 | 15 | |
| 16 | - | - | 32 | - | |
| Total | 89 | 253 | Total | 128 | |
| Média | 6,85 | 21,08 | Média | 8,53 | |

32 não respondeu SIM durante a sessão experimental). No mesmo grupo, a média de tentativas para a descrição correta foi de 40,00. A descrição correta da contingência, neste grupo, quando ocorreu, foi na quadragésima

tentativas para a descrição correta da contingência (21,55). Dos treze participantes que responderam SIM, nove participantes descreveram a contingência (Participantes 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42).

Tabela 2 . Tentativas com Respostas de Informação e de Redigir dos Grupos Complexos

| Grupo Relato a Cada Sim | | | Grupo Relato ao Final | | |
|-------------------------|----------------------|-------------------|-----------------------|----------------------|--|
| Pp | Primeiro SIM emitido | Descrição correta | Pp | Primeiro SIM emitido | |
| 33 | 1 | - | 49 | 1 | |
| 34 | 6 | 6 | 50 | 2 | |
| 35 | 2 | 4 | 51 | 26 | |
| 36 | 3 | 40 | 52 | 7 | |
| 37 | 1 | 4 | 53 | 5 | |
| 38 | 15 | 15 | 54 | 25 | |
| 39 | 10 | 10 | 55 | 7 | |
| 40 | 32 | 40 | 56 | 24 | |
| 41 | 6 | 35 | 57 | 1 | |
| 42 | 2 | - | 58 | 2 | |
| 43 | 1 | - | 59 | - | |
| 44 | - | - | 60 | 1 | |
| 45 | - | - | 61 | 2 | |
| 46 | 7 | - | 62 | 2 | |
| 47 | 37 | 40 | 63 | 7 | |
| 48 | - | - | 64 | 8 | |
| Total | 123 | 194 | Total | 120 | |
| Média | 9,46 | 21,55 | Média | 8,00 | |

(Participantes 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41 e 47) apenas para três participantes (34, 38 e 39) o responder SIM predisse consistentemente a resposta de redigir.

No grupo Relato ao Final a média de tentativas para a emissão do primeiro SIM foi de 8,00. (O Participante 59 não respondeu SIM durante a sessão experimental). No mesmo grupo, a média de tentativas para a descrição correta foi de 40,00. Dos quinze participantes que responderam SIM, dez descreveram corretamente as contingências (49, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58 e 59). A comparação da média de tentativas nas quais o primeiro SIM foi emitido e da média de tentativas nas quais a descrição correta foi redigida mostrou diferença estatisticamente significativa de acordo com o Teste A ($A= 0,128$; $p \leq 0,05$).

A diferença entre as médias das tentativas para a emissão do primeiro SIM nos grupos Relato a Cada SIM

com o caráter encoberto de c...
 eficácia de comportamentos c...
 solução para o problema. S...
 influências de comportamento...
 e verificar se existe relação...
 comportamento de resolução...
 é no entanto uma questão en...
 pode ser interpretada conceitu...
 saber: a) uma das form...
 comportamentos precorren...
 perderam a função. Para uma...
 forma de análise, consultar O...
 outra forma (b) é a como fo...
 seguindo a posição skinn...
 investigação do relato verbal (...
 público como indicativo...
 precorrentes encobertos (Skin...

comportamentos privados são tornados públicos. Nos grupos Relato a Cada Sim, a contingência programada foi suficiente para tornar pública a descrição que os participantes elaboravam para a solução do problema. Nos grupos Relato ao Final, a contingência programada produziu a manutenção no âmbito encoberto de descrições elaboradas pelos participantes. A probabilidade de descrição da solução variou, portanto, como função das contingências sociais programadas.

O processo de tornar pública a descrição para a solução do problema possibilitou identificar que outra resposta, de afirmar que sabe a solução para o problema (resposta de informação SIM), não é preditiva da resposta de descrição que pode controlar de modo eficaz o comportamento de solucionar o problema. Nos grupos Relato a Cada Sim, a diferença entre as médias de tentativas para o primeiro SIM e para o SIM correto evidenciam que o SIM não é preditivo da descrição correta. Nos grupos Relato ao Final, como as contingências produziam a descrição pública apenas ao final, as diferenças entre as médias de tentativas para o primeiro SIM e para o SIM correto não podem ser tomadas como indicativas da não preditividade do SIM. No entanto, a inexistência de diferenças significativas nas médias de tentativas para o primeiro SIM nos grupos Relato a Cada Sim e Relato ao Final sugerem semelhanças quanto a este aspecto.

A inexistência de diferenças significativas nas médias de tentativas para o primeiro SIM nos grupos Relato a Cada Sim e Relato ao Final sugere ainda que relatar a cada tentativa ou apenas ao final não altera a preditividade do SIM. Nos grupos Relato ao Final, mesmo que se considere que os participantes poderiam dispor da descrição correta antes da emissão da resposta de redigir, ao final, os dados de participantes que emitiram o SIM, mas não emitiram a resposta de redigir correta fortalece a tese de não preditividade do SIM. Isso ocorreu para 6 participantes do grupo Simples Relato ao Final (Participantes 23, 27, 28, 29, 30, 31) e 6 participantes do grupo Simples Relato ao Final (Participantes 50, 60,

descrição e o contato com as contingências. Assim, o participante vem a descrever e a controlar as contingências.

É possível que a solicitação para que o participante redigisse a solução para o problema tenha produzido não apenas a “publicização” da resposta, mas também a própria elaboração da descrição. Isso indica a possibilidade de que nos grupos Relato ao Final a descrição tenha sido produzida na tentativa de solução. No SIM e nos grupos Relato ao Final a descrição pública no nível encoberto antes da última tentativa de resposta de redigir era solicitada. Considerando a possibilidade improvável consideramos a solicitação para a resposta de redigir a solução a contingência verbal programada - o participante foi indagado sobre a disponibilidade de uma solução. A média de tentativas para o primeiro SIM foi significativamente diferente entre os grupos Relato a Cada Sim e Relato ao Final e os participantes do grupo Relato a Cada Sim sistematicamente emitiram a resposta de redigir, ainda que incorreta até que uma solução extensa às contingências ocorresse.

Considerando-se a possibilidade de inexistência de diferenças nas médias de tentativas para o primeiro SIM nas classes de respostas estudadas: resolução de problemas (SIM e descrição da resolução de problemas) e comportamento privado (SIM e comportamento privado) estabelece-se a condição para a hipótese de que o desempenho (Simonassi, Oliveira & Santos, 2006) se considerar, contudo, que os participantes estavam controlando partes do ambiente físico, isto é, o ambiente que compõe a contingência programada. Assim, é possível também que os participantes estivessem controlando o seu próprio comportamento. Assim, no grupo Relato ao Final é possível que a descrição da relação a própria história de exposição à tarefa e como só se solicitou a “publicização” da tarefa e como só se solicitou a “publicização” destas respostas verbais permanecesse no âmbito encoberto determinado número de tentativas.

de 14,23 é então o número médio de tentativas, após o primeiro SIM, para que o SIM seja preditivo da descrição correta.

Considerando-se, agora, os dados dos grupos Relato ao Final, pode-se calcular a tentativa média na qual o SIM foi preditivo da resposta descritiva correta usando-se a referência obtida nos grupos Relato a Cada Sim - 14,23 tentativas após o primeiro SIM para que o SIM seja preditivo da descrição correta. No grupo Simples Relato ao Final, como a média de tentativas para o primeiro SIM foi de 8,53, a média de tentativas para o SIM preditivo da descrição correta seria 22,76. No grupo Complexo Relato ao Final, cuja média de tentativas para o primeiro SIM foi de 8,00, a média de tentativas para o SIM preditivo da descrição correta seria 22,23. Desse modo, no grupo Simples Relato ao Final, a diferença entre as médias de tentativas 22,76, e 40,00 é de 17,24 tentativas, desta forma, ao longo das 17,24 tentativas a resposta descritiva correta existiu no nível encoberto. No grupo Complexo Relato ao Final, a descrição correta existiu ao nível encoberto ao longo de 17,77 tentativas, entre as tentativas médias 22,23 e 40. Pode-se então dizer que estes foram os intervalos do período de exposição às contingências nos quais os participantes dos grupos Relato ao Final estiveram parcialmente sob controle de estímulos produzidos por seu próprio comportamento verbal, resultantes de contingências sociais que também produziram a inacessibilidade da resposta. Estes intervalos seriam maiores se novas tentativas fossem apresentadas aos participantes sem a solicitação de descrição da solução para o problema.

Com relação a solução de problemas é importante analisar se os estímulos de amostras e respostas de comparação levam em conta se as respostas de comparação estavam corretas, para os participantes que não descreviam corretamente a regra. Na discussão de dados de outro estudo, é indicado que os acertos durante as tentativas aumentam antes da formação da regra,

comportamentos; c) a possibilidade de comportamentos encobertos e comportamentos encobertos comportamentais caracterizados por problemas. Os resultados desta pesquisa apontam para: a) a complexidade da tarefa privada das respostas; b) a produção de uma “publicização” da resolução de problemas, mas não produziram a efetividade destas respostas descritivas precorrendo a função das contingências sob exposição continuada às contingências de identificação da possibilidade incorretas acompanharem a disponibilidade de uma regra pode ser especialmente importante para respostas informativas na análise de participantes.

Referências

- Anderson, C. M., Hawkins, R. P., & ... behavior analysis: Conceptual basis. *Therapy*, 28, 157-179.
- de Oliveira, C.I. (1998). *Resolução de problemas: acurácia das instruções em tarefas sucessivas*. publicada. Curso de Pós-Graduação em Psicologia. Brasília, Distrito Federal, Brasília.
- Heferline, R.F., Keenan, B., & Harford, ... conditioning in human subjects response. *Science*, 130, 1338-1339.
- Nisbett, R.E., & Wilson, T. D. (1977). The self-report on mental processes. *Psychological review*, 84, 281-306.
- Maier, N.R.F. (1931). Reasoning in human and its appearance in consciousness. *Psychological review*, 38, 181-194.
- Malerbi, F. E. K., & Matos, M. A. (1992). ... bal e a aquisição de repertórios autopermanentes. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 8, 407-421.
- Mc Guigan, F.J. (1976). *Psicologia Experimental*. B. Cardoso, Trad.). São Paulo: EDUE.
- Moore, J. (1981). On mentalism, mental ... e reeditado em 1968)

- Simonassi, L. E., Fróes, A. C., Sanábio, E. T. (1995). Contingências e regras: Considerações sobre comportamentos conscientes. *Estudos*, 22, 189-199.
- Simonassi, L. E. (1997). Aquisição de consciência como condição para a melhora de desempenho. Em R. A. Banaco (Org.), *Sobre comportamento e cognição: Aspectos teóricos, metodológicos e de formação em análise do comportamento e terapia cognitivista (Vol. 1)*, pp. 282-288. São Paulo: Arbytes.
- Simonassi, L.E., Martins, W, Vasconcelos-Silva, A., Gosch, C. S., Sanábio, E. T. & Santos, A. C. (1997). Formrules 2.0: Sistema computadorizado para análise experimental do comportamento momentaneamente privado [Resumo]. Em Sociedade Brasileira de Psicologia (Org.), *Resumos de comunicações científicas. XXV/II Reunião Anual de Psicologia* (p. 191). Ribeirão Preto: SBP.
- Simonassi, L.E., Oliveira, C. I., & Sanábio, E.T. (1994). Descrições sobre possíveis relações entre contingências programadas e formulações de regras. *Estudos*, 21, 97-112.
- Skinner, B. F. (1945). The operational analysis of psychological terms. *Psychological Review*, 52, 270-277/291-294.
- Skinner, B. F. (1965). *Science and human behavior*. New York: MacMillan Press/Collier MacMillan. (Original: 1953)
- Skinner, B. F. (1968). *The technology of teaching*. New York: Appleton-Century-Crofts.
- Skinner, B. F. (1969). *Contingencies of reinforcement: A theoretical analysis*. New York: Appleton-Century-Crofts.
- Skinner, B. F. (1974). *About behaviorism*. New York: Appleton-Century-Crofts.
- Torgrud, L.J., & Holborn, S. W. (1990). The effects of stimulus descriptions on nonverbal operant responding. *Experimental Analysis of Behavior*, 54, 273-291.
- Tourinho, E. Z. (1995). *O autoconhecimento na psicologia: Uma abordagem skinneriana*. Belém: Editora da UFPA.

Sobre os autores:

Lorismario Ernesto Simonassi é professor da Universidade Católica de Goiás.

Emmanuel Zagury Tourinho é professor da Universidade Federal do Pará.

André Vasconcelos Silva é professor da Universidade Católica de Goiás.